

Almanaques, evento e imagens: a experiência da Grande Guerra representada pelos almanaques Hachette e Bertrand¹

Mateus Henrique de Faria PEREIRA*

“A história se fragmenta em imagens, não em histórias” (Walter Benjamin)

Resumo: Este artigo procura refletir sobre como dois almanaques representam a Grande Guerra (1914-1918) a partir de seus projetos editoriais. Objetiva-se explicar e compreender como o *Almanach Hachette* (1894-1923) e o *Almanach Bertrand* (1900-1923) se aproximam e se distanciam, tendo em vista duas chaves de leitura: a história editorial dos almanaques e a forma como, em ambos, procura-se interpretar, representar e construir imagens da experiência da Grande Guerra.

Palavras-chave: Literatura de almanaques. História do livro. Grande Guerra.

Almanacs, event and images: the experience of the Great War represented by the Hachette and Bertrand almanacs

Abstract: This essay attempts to reflect on how two almanacs depicted the Great War (1914-1918) through their editorial features. It also aims to explain and understand how the Hachette Almanac (1894-1923) and the Bertrand Almanac (1900-1923) approach each other and diverge from the point of view of two key aspects of the readings: an editorial history of the almanacs and how, in both, they seek to interpret, represent and construct images of the experience of the Great War.

Keywords: Literature of almanacs. History of the book. The Great War.

Neste texto, pretendemos refletir sobre como dois almanaques representam a Grande Guerra (1914-1918), com base em seus projetos editoriais. Esperamos, assim, compreender e explicar como o *Almanach Hachette* (1894-1923) e o *Almanach Bertrand* (1900-1923) se aproximam e se distanciam, tendo em vista duas chaves de leitura: a história editorial dos almanaques e a forma como, em ambos, procura-se interpretar, representar e construir imagens da experiência da Grande Guerra. Pretendemos demonstrar, desse modo, que só é possível compreendermos as explicações que as obras fazem da Guerra valendo-

* Professor Doutor - Departamento de História – Instituto de Ciências Humana e Sociais - UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto - Rua do Seminário, s/n, Centro, CEP: 35420-000, Mariana, Minas Gerais, Brasil. E-mail: matteuspereira@gmail.com.

nos de seus projetos editoriais. Para tal finalidade, faremos alguns cruzamentos dos textos e imagens dessas duas publicações, articulando história do livro e da leitura, história política e historiografia (BOTREL, 1999; MOLLIER, 1996; WERNER, ZIMMERMANN, 2003).

I Notas à história da edição do Almanach Hachette e Almanach Bertrand

Almanach Hachette e a tradição de almanaques urbanos enciclopédicos

Ao menos desde o final do século XVII, o gênero Almanach foi formado com base em vários subgêneros que frequentemente se mesclavam por meio de adaptações e apropriações de diversas formas e conteúdos (LE GOFF, 1984). Para responder à demanda por informações úteis e cativantes, os editores, desde os séculos XVII e XVIII, experimentaram muitas fórmulas que esse gênero eclético permitia. Encontravam-se, a partir do fim do século XVII, almanaques para todas as classes sociais, para todos os interesses e níveis culturais (SARRAZIN, 1997).

Tendemos a acreditar que, a partir da emergência da imprensa diária e do jornalismo, os almanaques dos tipos estatísticos, genealógicos, científicos e/ou enciclopédicos se tornaram, em um lento processo, obras informativas com dados do “mundo como um todo”. Esse processo, que poderia ser entendido como a intensificação da metamorfose do gênero, iniciada no século XVIII (BRAIDA, 1996, p. 200) está ligado ao desenvolvimento da globalização (ROBERTSON, 1994; ROBERTSON, 2000; GRUZINSKY, 2004; COOPER-RICHET, MOLLIER, SILEM, 2005)². Esses “novos” almanaques guardam alguns traços dos almanaques urbanos e enciclopédicos que surgiram na França do século XVIII e destinados ao público burguês e cidadão. Entre 1700 e 1789, é possível identificar 1200 títulos deste subgênero (SARRAZIN, 1997). Essas publicações eram diferentes dos almanaques ditos “populares”, e mesmo seus editores utilizaram diversas estratégias para distinguir essas “novas” publicações dos “outros” almanaques. Os almanaques, portanto, endereçados a um público rural e/ou pouco alfabetizado – na medida em que muitas vezes os “livrinhos” eram lidos em voz alta para os menos letrados –, são apenas parte dessa tradição. Esses almanaques eram estruturados com base em quatro funções essenciais: informações práticas, calendário, narração histórica e variedades (MOLLIER, 2003, p. 13). Essas funções, portanto, articulam as funções de orientação no tempo, transmissão de saberes, diversão e ligações com o poder político (LÜSEBRINK, 2001, 2006; BOLLÈME, 1969; LÜSEBRINK, MIX, MOLLIER, SOREL, 2003; CASA NOVA, 1996; DUTRA, 2005; PARK, 1999; PEREIRA, 2009).

Apropriando-se dessa longa tradição, em 1894, foi lançado, na França, o *Almanach Hachette* que pouco a pouco se tornaria um modelo, ao menos para o mercado editorial

português e brasileiro. Eliana Dutra reproduziu uma carta de um leitor do *Almanach Garnier*, na qual se afirma:

[...] a França tem o seu esplêndido Almanach Hachette, que toda gente lê, porque contém informações interessantes sobre um grande número de coisas e fatos da atualidade. Nós temos o Almanach Garnier, que é, igualmente, uma publicação de utilidade incontestável [...]. (DUTRA, 2005, p. 35).

O *Almanach Hachette* pretendia ser uma enciclopédia popular da vida prática (*petite encyclopédie populaire de la vie pratique*) e uma síntese de vários conhecimentos e obras em uma só. A capa de formato praticamente padrão em todas as edições aqui analisadas, como se pode ver na imagem abaixo, por exemplo, por meio da capa da edição 1919. Ela mostra-nos que a obra não perdeu sua relação com o calendário; ele é a porta de entrada, o convite para se abrir o almanaque.

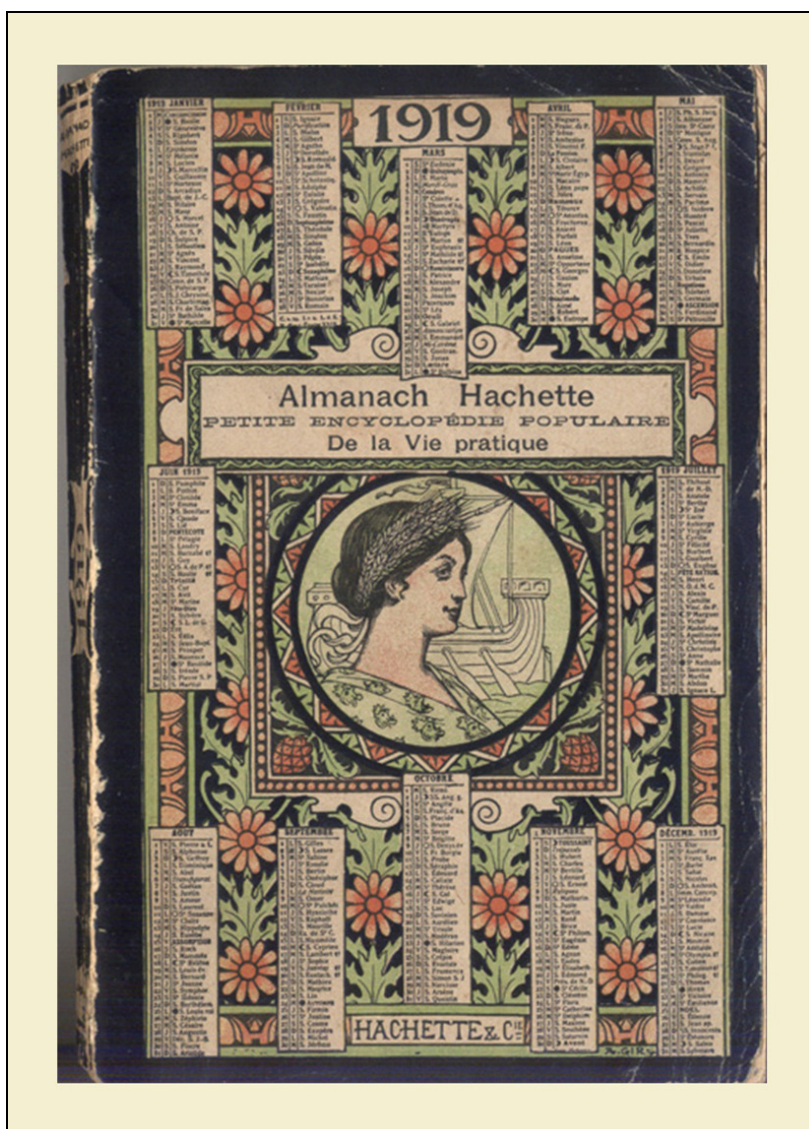


Imagem 1 - Capa do *Almanach Hachette*, 1919

Podemos dizer que o almanaque é dividido em quatro partes temáticas, quais sejam: 1) a enciclopédia científica, que traz várias curiosidades acerca do mundo científico; 2) atualidades políticas e econômicas, a qual apresenta a história do ano – um agrupamento de fatos do que aconteceu no ano, desde política nacional, até diplomacia de outros povos, passando também pelo ano religioso, dimensões culturais e economia da França; 3) vida prática, com diversas seções, a saber: casamentos, bons modos, costura, alimentação, quiromancia, horóscopo, saúde, onomástica, misticismo, os principais eventos culturais, competições, informações sobre Paris, calendário com algumas curiosidades para o cotidiano e com páginas destinadas ao uso no dia a dia; nessa seção há também a “Enciclopédia Permanente”, em geral, ao final com uma profusão de mapas, gráficos, ilustrações e tabelas; 4) publicidade. Ao todo, o almanaque tem, em média, de 700 a 900 páginas.³ Essa estrutura, mantida ao longo das edições analisadas, permite que a publicação combine uma parte sempre atualizada e cheia de novidades com outra fixa, relativa aos assuntos do calendário e “assuntos perpétuos”. No interior dessa parte atualizável, o almanaque é recheado de informações da atualidade e do passado recente. Assim, a história e o tempo presente assumem dimensões capitais para o *Almanach Hachette*.⁴

Almanach Bertrant: o anti-Hachette?

Ao final da segunda edição do *Almanach Bertrand*, em 1901, havia uma seção de correspondência, suprimida nas edições seguintes. O editor informa que a publicação não pretende ser um “repertório de literatura fácil”, como têm sido “compreendidos entre nós os livros do seu gênero” (ALMANACH BERTRAND, 1901, p. 314). Comunica, ainda, que a publicação não se ocupará de charadas, problemas, enigmas, jogos, paciências ingênuas e frívolas, mas apenas de “passatempos” que puderem dar aos leitores “uma distração intelectual de ordem elevada”. Mais adiante, o editor avisa sem paciência: “de uma vez por todas diremos: isto é o Almanach Bertrand: não é a Biographia Geral, nem o Archivo Pitoresco, nem o Jardim Literário”.

Notemos que o editor comunica ao leitor que pretende se afastar de qualquer tipo de aproximação com obras menores e “populares”.⁵ Diferentemente do almanaque francês, que apresenta uma narrativa de cunho jornalístico e “objetiva”, o almanaque português é obra pessoal, praticamente todo escrito e editado por Fernandes Costa, membro, dentre outras, da Academia de Ciências de Lisboa, autor de mais de vinte e um livros de poesia, crítica literária, história, astronomia, e também de quinze traduções do francês e espanhol para a língua portuguesa de textos, em geral, literários.⁶

Percebemos que o editor também procura distinguir o *Almanach* de outras obras cultivadas e estimadas. Procura-se, desse modo, definir para o leitor o projeto editorial da publicação. O que mais nos interessa, no entanto, é a tentativa de distinção que Fernandes Costa procurou estabelecer em relação ao *Almanach Hachette*. Segundo Costa, ainda no *Almanach Bertrand* (1901), muitas das saudações recebidas pela obra, dirigida por ele na imprensa portuguesa, “entenderam dever dizer, com a mais lisonjeira das intenções, sermos uma imitação do Hachette, para uns melhor do que ele, para outros seu igual” (ALMANACH BERTRAND, 1901, p. 315). Ele afirma não ter ficado magoado com a comparação, mas não acreditava que ela era exata. Há, sim, uma aproximação entre esses almanaques no que se refere à materialidade, isto é, ao formato da página em duas colunas e à moldura que a contorna. Apenas nisso. Para evitar novas comparações, Fernandes Costa destaca: “este ano [1901] acentuamos mais ainda, se era possível, a diferença. Mas apostamos em como há de haver, ainda, quem diga que somos um Hachette, tal e qual”.

Segundo o editor, os portugueses compravam o almanaque francês mais por moda do que por qualquer outro motivo. O almanaque francês “ocupa-se de assuntos que, na grande maioria, nada interessam a leitores portugueses, e das vantagens que oferece, também os leitores residentes fora de Paris, nada podem, em geral, aproveitar”. O *Almanach Bertrand* não é, assim, um *Hachette* português, pois “quem compra o Hachette, por moda ou seja por que for, não precisa que o imitem ou o traduzam para o português”. Esses leitores deveriam preferir sempre o original, embora a obra francesa fosse, para Costa, a cada ano, uma repetição dos mesmos assuntos, além de ter centenas de páginas que em nada importariam aos portugueses e ainda vendida por um custo muito elevado.⁷ Logo, o almanaque português pretendia ser uma obra original e esperava-se que o leitor reconhecesse que nem o *Hachette*, nem ninguém, substituiria o valor original do novo almanaque.⁸

Em texto sobre o escritor Eça de Queiroz, ainda no *Almanach Bertrand* (1901), descobrimos uma contradição do argumento apresentado anteriormente pelo editor. Afirma-se que o Bertrand “se gloria do antecessor que teve” (ALMANACH BERTRAND, 1901, p. 313), o *Almanach Encyclopedico*, publicado em 1896 e 1897, e dirigido por Eça de Queiroz. O interessante é que o texto nos informa que o referido almanaque foi literalmente “traçado segundo os planos do Hachette”. Se por um lado, o *Bertrand* não é uma simples adaptação do *Hachette*, como o foi o para o *Almanach Encyclopedico*, por outro, ao se inspirar em seu ancestral português, ele não deixou de se inspirar, implicitamente, na matriz comum francesa. Explicitamente, *Almanach Encyclopedico* foi o modelo. O editor afirma, portanto, que o legado de Eça de Queiroz foi um “estímulo para o seu (almanaque, no caso o *Bertrand*) aperfeiçoamento incessante de modo a ser um livro de utilidade e lição sem nunca deixar de ser ligeiro, e ao mesmo tempo de recreio espiritual, sem nunca chegar a ser

frívolo” (Almanach Bertrand, 1901, p. 313). Cremos que o almanaque “cheio de frivolidades” não é o *Hachette*, e, sim, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1870-1930), que é o concorrente direto do *Bertrand* (DUTRA, 1996).

Percebemos pelo anúncio referente às tiragens, presente no *Almanach Bertrand* 1919, que apenas a primeira edição estava esgotada. A evolução das tiragens nos mostra a boa aceitação da obra, o que significa a existência de um público leitor para um almanaque que nem era totalmente “moderno”, isto é, atravessado pela narrativa jornalística, supostamente “neutra e imparcial”, nem totalmente “antigo”, como era, por exemplo, na percepção do editor do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Conforme informa o *Almanach Bertrand* (1919), a obra teve uma tiragem inicial de 5 mil exemplares. A partir da segunda edição (1901), a tiragem dobrou para 10 mil exemplares. Oito anos depois, em 1909, a tiragem atingia o volume de 15 mil exemplares, e, em 1919, já era de 17 mil e trezentos exemplares. Esses dados nos permitem afirmar que a literatura de almanaques ainda desfrutava de certo prestígio durante a Grande Guerra. No entanto, é difícil mensurar qual a importância social da mesma durante o período, apesar da existência dos trabalhos sobre o mercado editorial no período (RACICH, s.d; GUEDES, 1987; LOPES, 2001). A imagem abaixo apresenta a capa da edição de 1916, a qual apresenta uma referência direta à Grande Guerra.

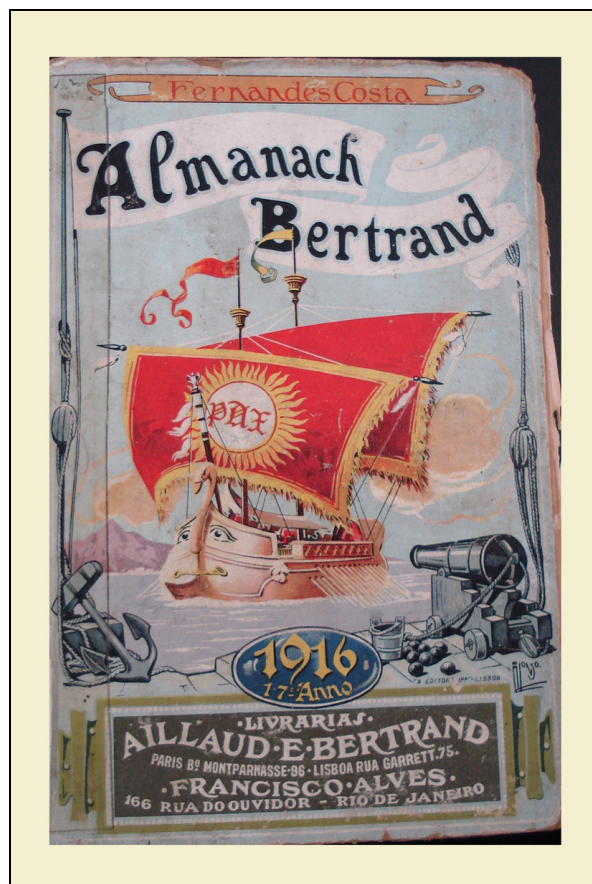


Imagem 2 - Capa do *Almanach Bertrand*, 1916

No período aqui analisado, as livrarias Bertrand e Aillaud eram controladas pela livraria brasileira Francisco Alves (BRAGANÇA, 2000; COOPER-RICHET, 2009). Isso significa que o almanaque era vendido diretamente em cinco cidades: Lisboa, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, tal como a folha de rosto de várias edições procura destacar. O *Almanach Bertrand* é, pois, um exemplo notável da circulação transatlântica, incluindo-se aí o Brasil e a África. Como podemos perceber pelo envio aos editores de soluções dos enigmas e problemas presentes nos almanaques, a obra circulava por três continentes. Afinal, quase 40% dos solucionistas se encontravam fora de Portugal.

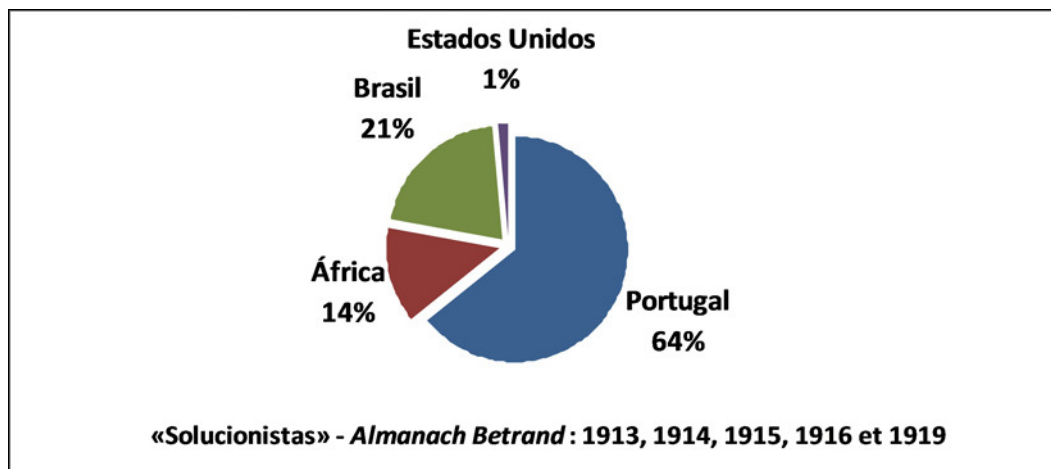


Imagem 3 – Origem dos “solucionistas” do *Almanach Bertrand*

Portanto, podemos dizer que há três diferenças básicas entre os dois almanaques, os quais, ao longo do período analisado, sempre têm mais de 600 páginas. Do ponto de vista da narrativa, o texto do *Almanach Bertrand* apresenta um português rebuscado, e a marca do editor aparece ao longo de toda a obra, ao passo que o texto do *Almanach Hachette* procura a imparcialidade e a objetividade, como ficará mais evidente por meio dos exemplos que daremos a seguir. Simplificando, podemos dizer que o almanaque francês pretende mais informar do que formar, ao passo que o contrário ocorre no almanaque português. Valendo-nos da análise do material publicitário das obras, temos indícios para supor que os leitores-modelo do *Almanach Bertrand* são as elites portuguesas, brasileiras e das colônias, enquanto os leitores esperados para o *Almanach Hachette* são, provavelmente, aqueles dos setores médios.⁹ É ainda preciso dizer que as “colônias portuguesas” não desfrutavam do mesmo lugar que o Brasil; sobre elas, quase não há nenhuma notícia na obra portuguesa, como acontece com a publicação francesa que também praticamente não destacava as notícias de suas colônias.¹⁰

II. A Grande Guerra no *Almanach Hachette* e no *Almanach Bertrand*¹

A Grande Guerra no *Almanach Hachette*

No *Almanach Hachette* (1915), há uma seção denominada “História da Guerra: a guerra européia de 1914” (*Histoire de la Guerre: La Guerre Européenne de 1914*), na qual se afirma que a Guerra foi deflagrada no momento da edição da obra, isto é, seis meses antes do período, para o qual a obra realmente se destinava. Afirma-se, ainda, que uma narrativa completa da guerra seria fornecida pelo *Almanach Hachette* (1916), que seria também denominado de “*Almanach de la Victoire*”.¹² A dimensão mundial do conflito foi percebida e realçada desde a primeira edição a tratar do assunto,¹³ e procurou-se explicar, por meio da narrativa, o contexto geopolítico europeu no início de julho de 1914, que levou à deflagração do conflito, responsabilizando-se, no texto, a Alemanha pelo início da guerra.¹⁴ Em outra seção, denominada “*Petit Encyclopédie de l’Armée*”, há uma série de imagens que comparam o poder bélico das nações beligerantes. Como exemplo, citamos um, denominado “*Les Flottes Aériennes Comparées*”, no qual a quantidade de dirigíveis e aeroplanos é comparada (*Dirigeables et Aéroplanes*).

Procurar compreender e explicar a Grande Guerra, em vários textos, na maioria das vezes, de cunho nacionalista,¹⁵ sobretudo na seção “*Encyclopédia da Guerra*”, foi o principal objetivo do *Almanach Hachette*. A partir da edição de 1916, o leitor passou a ser informado dos desdobramentos, manobras, batalhas, entre outros assuntos relativos ao conflito. O que chama a atenção no *Hachette* é que a Grande Guerra é dada a ler e a ver por vários tipos de imagens, em especial, pela ilustração, pela fotografia e pela cartografia. Há ilustrações, por exemplo, sobre “*une mitrailleuse en action*”, que mostra três soldados segurando uma metralhadora assentada sobre o chão, acompanhada da seguinte legenda: “*une mitrailleuse bien maniée et bien placée est un engin de plus meurtriers. On a constaté qu’une seule mitrailleuse remplace toute une section d’infanterie*”. Encontramos no impresso ilustrações e fotografias de submarinos em combates, do tamanho dos fuzis, de granadas em ação, de trajetórias de canhão, de capacetes de batalha, do uniforme de outros países, de monumentos destruídos, de mulheres trabalhando no lugar dos homens, entre outras. Sobre o cotidiano da guerra, há uma ilustração, por exemplo, que mostra os diversos modos nacionais de curar os feridos.

Podemos dizer que a cartografia foi importante, em especial, para construir uma imagem regional e mundial do conflito. Há algumas imagens que simplesmente mostram a evolução e a localização dos conflitos. O mapa 3 da “*Encyclopédia da Guerra*”, presente na edição de 1917 do *Almanach Hachette*, apresenta um mapa da Alsácia, e a legenda explicativa informa: “*nous troupes arrivaient à Mulhouse le 8 août au soir aux sons de la*

Marseillaise. La vieille cité alsacienne, après quarente quatre ans d'attente, voyaint de nouveau flotter sur ses édificesle drapeau français”. A narrativa apresenta as informações que dialogam com as imagens.

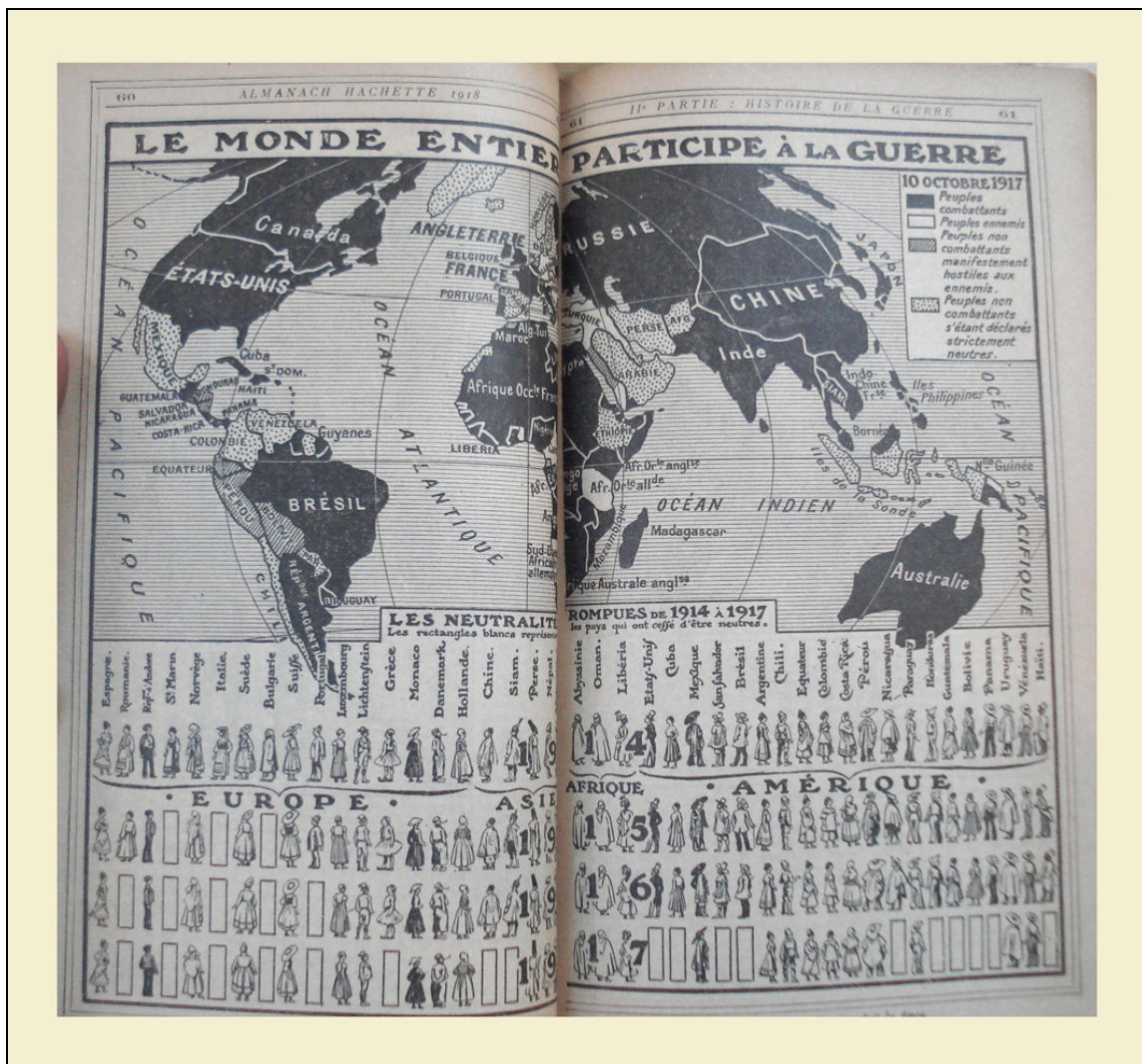


Imagem 4 - Almanach Hachette, 1918

Como exemplo, destacamos o mapa acima “Le Monde Entier Participe à la Guerre”, datado de 10 de outubro de 1917 e presente na edição de 1918 do *Almanach Hachette*. Entre outros elementos, tal imagem revela que o *Hachette* tinha um período de fechamento da edição muito mais “em cima da hora” do que o *Bertrand*, como veremos. Esse grau de atualização era possível não só pelas questões técnicas, mas também em função da estratégia editorial do almanaque francês; como dissemos, a obra era constituída de uma parte permanente e de outra, recheada de atualidades e notícias do passado recente em todas as edições. A existência de uma forma e materialidade padrão permitia ao almanaque

francês estar “dentro e fora do tempo presente” (BOTREL, 1999, p. 64). Diferentemente do almanaque português, que era praticamente novo, talvez até como uma obra de arte, em todas as edições, sem, no entanto, incorporar explicitamente o presente.

Retomando o mapa “Le Monde Entier Participe à la Guerre”, é possível afirmar que seu objetivo era, principalmente, mostrar as datas em que as neutralidades foram rompidas. Os países são representados por continentes e trajes típicos. Percebe-se, visivelmente, a proporção mundial do conflito. A Aliança é denominada de “povo inimigo”, o que mostra a dimensão política e ideológica implícita nesse tipo de impresso. Tal estratégia era até sustentada por um dos provérbios, localizados no final da página em que se afirma: “l’union fait la force” (ALMANACH HACHETTE, 1919, p. 60-61). Do ponto de vista do anuário francês, se pensarmos nas edições anteriores a 1914, a guerra foi um importante fator para aumentar a percepção e a consciência global. Essa consciência, entretanto, era utilizada para sustentar o argumento da culpabilidade alemã, isto é, que a Grande Guerra é única e exclusivamente de responsabilidade da Alemanha e do Império Austro-Húngaro, em especial dos seus dirigentes.

Quando da assinatura do tratado de Versalhes, há um trecho com as fotos dos chefes de Estado e de suas respectivas assinaturas. O título da reportagem é “Signataires et signatures du traité de Versailles”. Um pouco acima, lemos, em uma pequena linha: “La victoire”. Abaixo, o provérbio: “Il ne faut pas se lier à l’ennemi reconcilie” (ALMANACH HACHETTE, 1920, p. 26-27). O tratado de Versalhes não foi, assim, produto da vingança; ele foi, antes de tudo, para o almanaque francês, como também o será para o almanaque português, produto da justiça.¹⁶ Nessa direção, é bastante sugestivo que, em 1923, o *Hachette* publique uma seção de 30 páginas intitulada: “Le Monde Nouveau”, na qual se procura fazer um balanço, por continentes e países, com abundante ilustração, das transformações que a Guerra impôs. Em grande medida, as consequências da Grande Guerra são vistas como positivas. O texto de apresentação afirma: “un monde nouveau est né de la guerre: les pays ont modifier leurs frontières, des nationalites noyée dans un milieu hétérogène se sont reconstituées, les mentalités des peuples s’est transformée. Pour bien comprendre cette métamorphose, dressons le bilan social, économique et pittoresque des cinq continent”. As matérias não são assinadas. Procura-se, como já foi ressaltado, uma escrita “neutra e objetiva”, tendo como referência o discurso jornalístico. Um objetivo implícito do texto, a nosso ver, é mostrar que a Guerra integrou o mundo: “les groupements humains, jusqu’alors isolés, rapprochèrent et se complétèrent. [...]. Tous les hommes se trouvent, désormais, et se trouveront de plus en plus, intellectuellement et matériellement, dans une étroite dépendence les uns de autres” (ALMANACH HACHETTE, 1923, p. 4). Percebemos que, para a narrativa do almanaque francês, uma solução relativa à crise gerada pelo evento (a guerra) era a busca, em suas reportagens, de um olhar global, ainda

que de um ponto de vista eurocêntrico com o propósito de retirar qualquer responsabilidade da França pelo conflito e reforçar a culpabilidade alemã.

A Grande Guerra no *Almanach Bertrand*

Fernandes Costa aponta, em quase todos os números do *Almanach Bertrand*, que não há tempo para responder às cartas recebidas, mas as agradece. No entanto, na edição de 1918, para surpresa do leitor, logo nas primeiras páginas, é apresentada uma seção de “resposta a alguns correspondentes” (ALMANACH BERTRAND, 1918, p. XI). Reproduz-se uma carta recebida de um “Ignotus de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil”. A carta pedia uma seção sobre a guerra. Essa seção seria de interesse de todos, em especial, dos brasileiros, pois, no Brasil, “há uma falta quase absoluta de informes sobre a hecatombe que pesa sobre todo o mundo”. O leitor afirma que esperava, nos almanaques anteriores, notícias sobre os países em luta, biografia dos personagens importantes, notas sobre os exércitos, entre outras informações sobre o conflito. Destacamos que o leitor afirma que o *Almanach Bertrand* trazia apenas “algumas fotografias e retratos que, embora de grande valor, requerem, entretanto, *um complemento*” (grifo nosso). O leitor esperava, desse modo, que a edição de 1918 não deixasse de “dar este grande prazer” ao tratar das notícias da guerra. O prazer esperado tornaria a leitura da obra cada vez mais “amena”.

O editor foi taxativo em sua resposta: “ignotos pede, apenas, que o Almanach se suicide!”. A obra não iria se transformar numa das inúmeras publicações noticiosas ou, segundo o editor, “fantasistas”, do presente conflito, com publicações que apenas exploram a curiosidade de ignotus dos que querem prazer e leitura amena. O *Bertrand* não iria se transformar em “uma fonte mesquinha de informações insuficientes, que não satisfariam ninguém”. Esse exemplo nos mostra que o *Almanach Bertrand* simbolizava, em um momento de transição, um foco de resistência às transformações do gênero almanaque. Há, por exemplo, uma caricatura de um humorista inglês Frank Reynolds, que ilustra bem essa situação. O título é “Um Crítico da Guerra” e acompanha legenda que procura explicar a imagem do seguinte modo: “este improvisado estratégico fumando o seu havana e tomando sua cerveja, depois de ter passado pelos olhos uma dúzia de jornais, cheios de informações contraditórias sobre as fases cotidianas da grande campanha européia, comenta e critica no aconchego da sua poltrona, o que se passa nos campos de batalha, proferindo sentenças para as quais não admite apelação” (ALMANACH BERTRAND, 1917, p. 21).

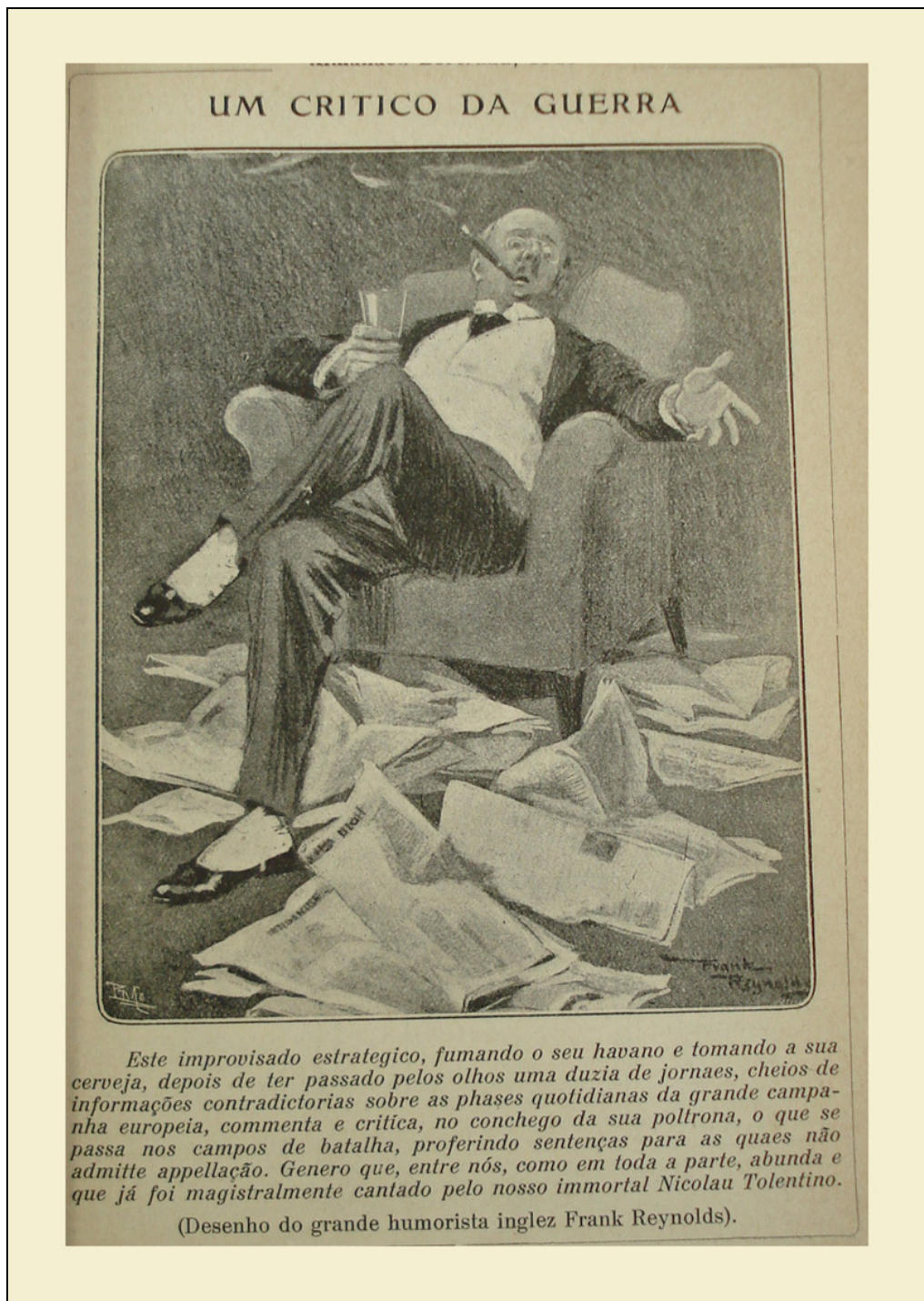


Imagem 5 - Almanaque Bertrand, 1916

Talvez até o almanaque português represente uma forma residual de um tipo experiência do tempo. Isso significa dizer que ele representa um tipo de literatura de almanaques mais próxima das obras do regime de historicidade antigo, isto é, da história mestra da vida (HARTOG, 2003; KOSELECK, 2006). Em outras palavras, o almanaque português, diferentemente do francês, resiste às transformações do tempo do mundo e da

própria literatura de almanaques no que se refere à incorporação do discurso jornalístico. (CHARLE, 2004; SARRAZIN, 1997; BRAIDA, 1996; PEREIRA, 2009).

Além dessa dimensão de resistência às transformações do gênero, Fernandes Costa agregou mais um argumento de ordem editorial à suposta ausência da Grande Guerra nas páginas do Almanach. O almanaque seria lançado no mercado editorial em maio do ano anterior ao ano a que se destina. Ele começara a ser escrito um ano e meio antes do ano no qual circularia. Desse modo, havia um problema de ordem técnica, que fazia parte, também, das estratégias comerciais do almanaque, o qual precisava ser enviado para o Brasil, para a França e para as colônias. Então, o editor se perguntava: “que notícias da guerra poderíamos organizar, em meados de 1916, que tivessem novidade e interesse, em 1918, ano em que devem ser lidas?” (ALMANACH BERTRAND, 1918, p. XI). Assim, vemos que o almanaque português, em seu processo de produção, podia agrupar notícias de apenas um ano e seis meses antes em relação ao ano em que seria distribuído, ao passo que o almanaque francês podia incorporar notícias ocorridas seis meses antes do ano para o qual ele se destinava. Tendo em vista essas questões, o editor retomou suas convicções e afirmava que, em tais condições, não era possível que a obra fosse um “repositório de atualidade” (ALMANACH BERTRAND, 1918, p. XII). Uma questão que poderíamos fazer ao editor é: Se as condições técnicas e de mercado permitissem, a obra sucumbiria a uma suposta “tirania das atualidades” ou mesmo uma “tirania do presente”?

Para Costa, o almanaque português tratava de “assuntos perpétuos, de todo os dias, de todos os tempos, que não envelhecem nunca, sendo absolutamente novo para cada leitor”. Algumas das implicações dessa afirmativa para a história da literatura de almanaques já foram analisadas por Eliana Dutra (1996). No entanto, gostaríamos de acrescentar outros aspectos à sua análise. O primeiro, já adiantamos, é a dimensão comercial. O fato do almanaque não envelhecer permite que ele seja vendido num prazo maior de tempo, quase ilimitado, e, dessa maneira, ele pode ser colecionado. Não é despropositado, portanto, que em várias edições nos seja apresentada a tiragem das edições anteriores, que esteja destacado quais delas ainda se encontram disponíveis para a compra.

E mesmo diante do que afirmava o seu editor, a guerra está presente no *Almanach Bertrand*. É bem verdade que não temos uma narrativa informativa da guerra, como demanda o leitor citado. Há, no primeiro Almanach, edição de 1916, para tratar da guerra; logo no início, uma seção intitulada “A Guerra” traz fragmentos de textos de 19 autores, analisando a guerra, na maioria das vezes, numa perspectiva atemporal. Apenas os últimos cinco fragmentos justificam a necessidade das guerras. Contudo, as imagens que acompanham o texto não deixam margem para dúvida no que se refere à posição do Almanach. A obra pretende, por um lado, pensar com o leitor sobre o absurdo da guerra. Por outro lado, a partir da edição 1918, após Portugal efetivamente entrar na guerra, há um

poema em que o editor (e ex-general), Fernandes Costa, exalta seus contemporâneos para a luta,¹⁷ além de uma série de imagens denominadas “Nossos Aliados” (ALMANACH BERTRAND, 1918, p. 24 e p. 33).

Apesar disso, em geral, a Grande Guerra era condenada. Guilherme II aparece como o grande vilão, e não há palavras que a explique. Uma caricatura que chama muito a atenção é a do “Órgão da Paz”, na qual vemos uma dama, tocando um órgão ao ar, e as bombas saindo pelos tubos do órgão. Algumas páginas à frente, vemos a foto da fachada da catedral gótica de Reims e um pequeno texto que traz, entre outras afirmações, a seguinte: “este monumento foi destruído pela artilharia alemã, vandalismo inaudito, que encheu de indignação todo o mundo civilizado, e que ficará para sempre memorando na história a barbaridade inqualificável daqueles que ordenaram a sua prática ou que nela consentiram” (ALMANACH BERTRAND, 1916, p. 15). Na página seguinte, uma imagem de um saque de soldados alemães em uma casa da aristocracia francesa, e traz o seguinte enunciado: “o barbarismo medieval, restabelecido pela soldadesca alemã, na guerra moderna” (Almanach Bertrand, 1916, p. 16). Na próxima página, há uma foto do imperador Guilherme II com um poema do editor Fernandes Costa, no qual se afirma que “Implacável e justa, há de julgar-o a História;/ Seu nome há de durar, dos tempos na corrente! Vulto sinistro e mau! Ninguém lhe inveja a glória, / Pois tem de maldizel-o, a terra, eternamente!” (ALMANACH BERTRAND, 1916, p. 17). Nas edições seguintes, existem, na mesma linha, várias imagens e caricaturas, denunciando, ironizando e refletindo sobre o cotidiano do conflito, como, por exemplo, “Os gigantes Golias e os pequenos Davis” (ALMANACH BERTRAND, 1917, p. 369). Esses trechos nos mostram o quanto os alemães foram comparados a vândalos e bárbaros.

A guerra, nessa perspectiva, se dava entre a civilização e a barbárie. A guerra é, por excelência, o momento de emergência dessas categorias que muitos ainda acreditam ter algum significado explicativo, em especial, em contextos de violência como é o nosso caso. Como se sabe, um dos efeitos da Grande Guerra foi, justamente, pelo menos nos meios intelectuais, o de provocar um questionamento dos pilares de toda a “civilização europeia”. A esse respeito Paul Valéry, em 1919, destacou a consciência da mortalidade advinda da guerra ao afirmar, por exemplo, em célebre frase que “nós outras, a civilização, sabemos agora que somos mortais. [...]. Toda civilização tem a mesma fragilidade de uma vida”. Já para Walter Benjamin, em texto de 1933 (“Experiência e pobreza”), afirma que nunca houve experiência mais desmoralizante que a guerra de trincheiras e pergunta: “Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.”

De qualquer forma, ao que parece, a questão para o almanaque português (ainda?) não se deva nesses termos mais gerais. Os alemães eram bárbaros e culpados *a priori* por meio de imagens e sentenças sobre o conflito. De um ponto de vista civilizado, do ponto de vista de um almanaque que crê no projeto civilizador a guerra europeia é anacrônica (medieval) e absurda em sua essência, para além das supostas “efemeridades” das atualidades da própria guerra. Talvez, a caricatura que mais sintetize a posição do *Almanach Bertrand* em relação à guerra seja a do humorista inglês Frank Reynolds, cujo título é “Um Crítico da Guerra”, na qual se pode observar que é feita uma grande crítica sobre a produção espetacular de notícias sobre a guerra. A legenda explicativa desta caricatura informa: “este improvisado estratégico fumando o seu havana e tomando sua cerveja, depois de ter passado pelos olhos uma dúzia de jornais, cheios de informações contraditórias sobre as fases cotidianas da grande campanha europeia, comenta e critica no aconchego da sua poltrona, o que se passa nos campos de batalha, proferindo sentenças para as quais não admite apelação” (ALMANACH BERTRAND, 1916, p. 21). Percebemos que o *Almanach Bertrand* não dá notícias jornalísticas da Grande Guerra, mas ele procura interpretá-la, ou, ao menos, construir sentidos para esse evento, por meio de imagens, em especial, das caricaturas retiradas da imprensa mundial que estabelecem um diálogo com as legendas explicativas. A guerra aparece, o presente aparece, apesar das afirmações do editor.

Em resumo, podemos dizer que a Grande Guerra é representada apenas como imagem no Bertrand por três razões, quais sejam: por questões técnicas e comerciais ligadas à produção da obra; e pelo projeto editorial do almanaque, pois o Bertrand é um almanaque “literário-científico” (ALMANACH BERTRAND, 1922, p. 7) com um projeto pedagógico ilustrado, que procura resistir às “atualidades” e à escrita “jornalística”. Apesar de não podermos estabelecer nenhuma relação direta, é ainda possível dizer que o fato de que Portugal teve uma participação “secundária” na Guerra, se comparado com outras nações, como a França; o País não tinha unidade política e social interna a favor da participação portuguesa na Grande Guerra.

Dada a crise desencadeada pelo evento fundador do século XX, compreender a Grande Guerra por meio de imagens ao longo de almanaques pode ser, para ambos (*Bertrand* ou *Hachette*), uma solução possível para a fragmentação da história, para a crise de uma civilização e para a crise de uma determinada ordem do tempo (HARTOG, 2003; POMIAN, 1984). Assim, a fotografia e os retratos não são um mero *complemento*, como pensava o leitor do *Bertrand*. Talvez esses elementos sejam a própria matéria de compreensão da experiência trágica da guerra.

III Considerações finais

Procuramos mostrar, em uma linha já percorrida por vários pesquisadores, as implicações políticas dos impressos. Desse modo, esperamos ter demonstrado que as duas obras em questão, mais do que por palavras, utilizaram-se das imagens a fim de dar a ler, a ver e, também, a fim de construir explicações e interpretações sobre a Grande Guerra. Essa explicação, antes de tudo, justificava a guerra e, posteriormente, o espírito de vingança no momento da assinatura do Tratado de Versalhes. Assim, acreditamos que o almanaque português *Bertrandt* procurava interpretar, compreender e explicar a Grande Guerra por meio de imagens e caricaturas que culpavam a Alemanha pelo conflito. Também o almanaque francês *Hachette* procurou interpretar, compreender e explicar a Grande Guerra, culpando a Alemanha pelo evento, mas reforçava a dimensão mundial/global da guerra, por meio da imagem cartográfica, com o intuito de retirar da nação francesa sua responsabilidade pelo conflito.¹⁸

Como já apontamos, podemos dizer que, para os dois almanaques analisados, frente à impossibilidade de narrar a história que se fragmenta, constroem-se imagens. No entanto, o *Almanach Hachette* apostava também na linguagem jornalística como uma forma possível de compreensão do que se passava. Nos almanaques, vemos duas posturas distintas em relação à escolha das imagens para representar a guerra. A caricatura poucas vezes aparece em relevo no almanaque francês. Nos dois almanaques, encontramos imagens diferentes, utilizadas para colocar o leitor diante da dor dos outros e diante do horror da guerra. Ambos apresentam posições diferenciadas no que se refere à Grande Guerra, as quais estão, como procuramos mostrar, inter-relacionadas com os seus projetos editoriais. Entretanto, verificamos que, no caso específico das representações da guerra, as fronteiras territoriais nacionais não são tão flexíveis. Elas são, antes de tudo, definidoras das representações e das interpretações do conflito nos dois almanaques em questão.

Gostaríamos de ressaltar, assim, quatro conclusões de nossa investigação: um almanaque anual, no início do século XX, enfrentava muitas dificuldades para encontrar um espaço no que se refere à sua dificuldade de atualização em uma sociedade cada vez mais constituída de diversas mídias e fontes de informação; cada vez mais, ao longo do século XX, a imagem despontou como um elemento primordial de chave explicativa do presente; o *Almanach Bertrand* reforça, ao contrário do *Almanach Hachette*, a dimensão trágica da Grande Guerra; a abordagem que os almanaques fizeram da guerra é indissociável da análise e compreensão dos seus dos projetos editoriais.

Recebido em 4/5/2011

Aprovado em 14/5/2012

NOTAS

¹ Agradeço a Eduardo Gerber Junior, pelo apoio nas atividades de pesquisa em Londres, São Paulo e Belo Horizonte, além da interlocução; e a Weder Ferreira pela pesquisa na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). Sou grato, ainda, à Juliana Melo e ao Célio Costa Filho pelas sugestões, críticas e comentários. Este texto é uma versão ampliada e modificada do que foi apresentado no colóquio “Le commerce transatlantique de librairie” realizado em Versailles pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ), em setembro de 2010. Agradecemos, também, ao parecerista da revista *Patrimônio e Memória* pelas sugestões. Apoio: FAPEMIG e CNPq.

² Para Rolan Robertson (1994, p. 327), o conceito de globalização deve ser aplicado a “uma série específica de desenvolvimentos relacionados com a *estruturação concreta do mundo como um todo*”. Para o autor, há diversas “fases” deste processo desde o século XV que envolvem um duplo processo: particularização do universal e universalização do particular. (Grifo no original).

³ No entanto, a estruturação interna da obra é, em geral, dividida em 15 partes, a saber: 1) O Ano ao qual ele se refere; 2) Agenda; 3) O universo; 4) História Universal; 5) Geografia; 6) Literatura; 7) Belas Artes; 8) Casamento (Mariage), Foyer; 9) Dinheiro (“economia prática”); 10) Vulgarização Científica; 11) Direito Prático/Usual; 12) Agricultura; 13) Jogos e esportes; 14) Paris; 15) Vida Prática.

⁴ Há, por exemplo, alguns quadros sinópticos com a história universal em três páginas, atualizada com os fatos recentes, além dos fatos do ano anterior na seção “Agenda”.

⁵ Essa é uma estratégia utilizada pelos almanaques urbanos desde o século XVIII. Sobre esse ponto, ver SARAZIN, *op. cit.*

⁶ Após a morte de Fernandes Costa, a partir da edição 1923, a obra passa a ser dirigida por sua filha, Maria Fernandes Costa. O *Almanach Bertrand* foi editado até os anos 1960, e o *Almanach Hachette*, até os anos 1970.

⁷ Não foi possível encontrar nenhuma referência ao preço de venda do *Almanach Hachette* em Portugal para verificar a informação do editor.

⁸ É interessante que o *Almanach Lello*, cuja primeira edição data de 1929 (encontramos exemplares até o ano de 1936), tenha, como subtítulo, *O Hachette Português*.

⁹ É preciso destacar que seria necessária uma investigação mais sistemática para a comprovação dessa hipótese.

¹⁰ O termo colônia é uma denominação genérica que os almanaques em questão utilizavam para se referirem as suas possessões territoriais como, por exemplo, Angola e Moçambique para o caso português e Argélia e Tunísia para o caso francês.

¹¹ Para pensar a relação entre almanaques e evento apoiamos-nos, em perspectivas diversas que nos auxiliam a pensar sob vários ângulos a complexidade da referida relação. Ver, em especial, BENSÁ, FASSIN; REVEL, 2001; WHITE, s/data; POMIAN, 1993; KOSELECK, 2006, DOSSE, 2010; PEREIRA, 2009.

¹² “La guerre bat son plein au moment où nous mettons sous presse. Nous publierons un récit très complet de la guerre dans l’*Almanach Hachette 1916* qui sera pour nous et nos alliés, l’*Almanach de la Victoire*” (ALMANACH HACHETTE, 1915, p. 129).

¹³ “Rien dans la situation de l’Europe, au début de juillet 1914, ne pouvait faire prévoir qu’à très brève échéance éclaterait, comme un coup de tonnerre, le plus formidable conflit qui eût jamais ensanglanté le monde”. (ALMANACH HACHETTE, 1915, p. 129).

¹⁴ A seção é dividida em cinco partes: L’Europe au début de Juillet; Les ambitions allemandes et autrichiennes; Les prodromes de la guerre; Premières hostilités, Les grandes batailles.

¹⁵ Ver, por exemplo, “Une guerre industrielle” (ALMANACH HACHETTE, 1916, s/p).

¹⁶ Sobre esse ponto, encontramos uma caricatura muito sugestiva no *Almanach Bertrand* (1920, p. 352). A Alemanha é representada por uma cobra que engole, com muito custo, uma maçã que simboliza a paz.

¹⁷ É bom destacar que Portugal entrou na Grande Guerra em 1916, mas, só em 1917, as primeiras tropas entraram em combate. Do ponto de vista político e social, não havia muito consenso interno quanto à participação de Portugal na guerra (ALMANACH BERTRAND, 1918, p. XVI-XVIII).

¹⁸ Nesta direção, o *Almanach Hachette* compartilha de uma explicação aceita por boa parte da opinião pública francesa durante e depois da Grande Guerra. Tison, por exemplo, mostra que o argumento da culpabilização alemã é amplamente difundido nesse país, por exemplo, pelos manuais didáticos (Ver TISON, 1994; PROST, WINTER, 2004).

FONTES

Almanach Hachette (1894-1923)

Almanach Bertrand (1900-1923)

REFERÊNCIAS

BENSA, Alban; FASSIN, Eric. Les sciences sociales face à l'événement. Terrain, Paris, Éditions du Patrimoine, n.38, p. 3-14, mar., 2002.

BOLLÈME, Geneviève. Les almanachs populaires aux XVII et XVIII siècles. Paris: La Haye Mouton, 1969.

BOTREL, Jean François. Las historias de cordel y la historia del tiempo presente en España del siglo XIX. L'Ull Crític. Lleida, p. 42-64, 1999.

BRAGANÇA, Aníbal . A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: Márcia Abreu. (Org.). Leitura, história e história da leitura. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2000, v. 1, p. 451-476.

BRAIDA, Lodovica. Les Almanachs Italiens. Evolucion et Stéréotypes d'un Genre (XVIe-XVIIe Siècles). In: CHARTIER, Roger; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (Orgs.). Colportage et lecture populaire. Imprimés de large circulation en europe XVIe-XIXe siècles. Paris: IMEC Édition, 1996. p. 183-208.

CASA NOVA, Vera. Lições de Almanaque. Um Estudo Semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CHARLE, Christophe. Le siècle de la presse: 1830-1939. Paris: Seuil, 2004.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?. Varia história. Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p.539-555, 2009.

COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves; SILEM, Ahmed. Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX-XX siècles). Lyon: Presses de l'ENSSIB, 2005.

DOSSE, François. Renaissance de l'événement. Paris: PUF, 2010.

DUTRA, Eliana de Freitas. História e Memória nos Almanques Luso-Brasileiros: Escravidão, abolição e uma geografia do esquecimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO, 3., 1994, Lisboa. Actas das Sessões Temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro. Lisboa: Editora da Universidade de Lisboa, 1997. v. 1. p. 311-324.

DUTRA, Eliana. Rebeldes Literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

GREILICH, Susanne; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. La représentation des guerres de libération allemandes dans l'almanach du genre *Messageur Boiteux*. In: LÜSEBRINK, Hans-Jürgen; MOLLIER, Jean-Yves; GREILICH, Susane (dir.). *Presse et événement: journaux, gazettes, almanachs (XVIIIe-XIXe siècle)*. Bern: Lang, 2000. p. 20-49.

GRUZINSKY, Serge. *Les quatre parties du monde – histoire d'une mondialisation*. Paris: Éditions de La Martinière, 2004.

GUEDES, Fernando. *O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para sua história (século XVIII - XIX)*. Lisboa: Verbo, 1987.

HARTOG, François. *Régimes d'Historicité: Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.

KOSELECK, Reinhart. *Representação, evento e estrutura*. In: _____. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Contraponto, 2006. p. 133-147.

LE GOFF, Jacques. *Calendário*. In: LE GOFF, Jacques. *Memória-História. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda, Imprensa Nacional, 1984. p. 269-298.

LOPES, Cláudia Neves. *Édition et colonisation: le marché éditorial entre le Brésil et le Portugal*. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (Org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001. p. 360-71.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. *L'almanach: structure et évolution d'un type d'imprimé populaire en Europe et dans les Amériques*. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves. *Les Mutations du livre et de l'edition dans le monde du XVIIe siècle à l'an 2000*. Québec: les Presses universitaires de Laval/Paris, L'Harmattan, 2001. p. 432-441.

LÜSEBRINK, H.-J.; MIX, Y.-G.; MOLLIER, J.-Y; SOREL, P. Sorel (Dir.). Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle). Bruxelles: Complexe, 2003.

LÜSEBRINK, Hans-Jürger. Do Almanaque Real ao Almanaque de Quebec: representações do poder, representações do Estado, emergências da nação. In: DUTRA, Eliana de Freitas Dutra; MOLLIER Jean-Yves (Orgs.). Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX. São Paulo: AnnaBlume, 2006. p. 567-78.

LÜSEBRINK, Hans-Jürger. L'almanach: structure et évolution d'un type d'imprimé populaire en Europe et dans les Amériques. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves. Les Mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIe siècle à l'an 2000. Québec: Les Presses universitaires de Laval; Paris: L'Harmattan, 2001. p. 432-41.

MOLLIER, Jean Yves. Les éditeurs d'almanach au XIX siècle. In: LÜSEBRINK, Hans-Jürgen et al. Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle). Bruxelles: Complexe, 2003. p.170-87.

MOLLIER, Jean-Yves. L'histoire de l'edicion, une histoire à vocation globalizante. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, v. 2, n. 43, p. 329-48, 1996.

PARK, Margareth Brandini. História e Leitura de Almanagues no Brasil. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

PEREIRA, Mateus H. F. A Máquina da Memória/Almanaque Abril. Bauru: EDUSC, 2009.

POMIAN, Krzysztof. L'ordre du temps. Paris: Galimard, 1984.

POMIAN, Krzysztof. Evento. In: RUGGIERO, Romano. Enciclopédia Einaudi, v. 29, Tempo/temporalidade. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993. p. 12-91.

PROST, Antoine; WINTER, Jay. Penser la Grande Guerre: un essai d'historiographie. Paris: Seuil, 2004.

RACICH, Maria Carlos. Almanaque: Tempos e Saberes. Coimbra, s.d.

REVEL, Jacques. Retour sur l'événement: un itinéraire historiographique. In: FABIANI, Jean-Louis (Dir.). Le goût de l'enquête: pour Jean-Claude Passeron. Paris: L'Harmattan, 2001. p. 97-118.

ROBERTSON, Roland. Globalização: teoria social e cultura global. In: FEATHESTONE, Mike. Cultura global. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 311-27.

ROBERTSON, Roland. Globalização: teoria social e cultura global. Petrópolis: Vozes, 2000.

SARRAZIN, Veronique. Les Almanachs parisiens au XVIIIe siècle: production, commerce, culture. Thèse de l'Université de Paris I, sous la dir. de Daniel Roche, 1997.

TISON, Hubert. La mémoire de la guerre 14-18 dans les manuels scolaires français d'histoire. In: BECKER, Jean-Jacques. Manuels scolaires français d'Histoire (1920-1990). Paris: Armand Colin, 1994. p. 237-88.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. Annales. Paris: EHESS, v.58, n.1, p. 7-36, 2003.

WHITE, Hayden. O evento modernista. Lugar comum, Rio de Janeiro/UFRJ., n. 5-6, p. 191-219, 1998.